

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

GUERRA É GUERRA

IVAN JAF

ea
editora ática

Guerra é guerra

© Ivan Jaf, 2013

Gerente editorial	Fabricio Waltrick
Editora	Lígia Azevedo
Editora assistente	Carla Bitelli
Estagiária	Luciane Yasawa
Seção "Outros olhares"	Juliana de Souza Topan
Preparadora	Nair Hitomi Kayo
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisores	Bárbara Borges, Maurício Katayama

ARTE

Capa e ilustrações	Leo Gibran
Coordenadora de arte	Soraia Scarpa
Assistente de arte	Thatiana Kalaes
Estagiária	Izabela Zucarelli
Diagramação	Acqua Estúdio Gráfico
Pesquisa iconográfica	Sílvio Kligin (coord.), Josiane Laurentino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J22g

Jaf, Ivan, 1957-

Guerra é guerra / Ivan Jaf ; ilustração Leo Gibran. 1. ed. - São Paulo : Ática, 2013.

176p. : il. (Descobrimdo os Clássicos)

Inclui apêndice e bibliografia
Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-16621-3

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Gibran, Leo. II. Título. III. Série.

13-04022.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 16621-3 (aluno)

ISBN 978 85 08 16622-0 (professor)

Código da obra CL 738531

2013

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2013
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



ENTRE DESEJO E RELIGIÃO

Um dos maiores desafios dos seminaristas é a vida celibatária. Longe de ser impossível, como prova o padre Roque, a dedicação integral à oração é o único caminho para aqueles que escolhem o sacerdócio.

Por isso, o padre — fundador e reitor do Seminário Pro-pedêutico, um intermediário entre o Seminário Menor e o Maior — precisa solucionar rapidamente o mistério que o assombra: qual de seus quatro seminaristas remanescentes não está trilhando o caminho espiritual?

O motivo da desconfiança é justo: a bela Vanessa — voluntária na cozinha e filha do casal mais importante da cidade, apoiador da instituição — começou a receber bilhetes profundamente apaixonados, até eróticos. O padre desconfia que algum dos jovens seminaristas tenha sucumbido aos desejos. Agora resta descobrir qual deles.

Para ajudá-lo, ele convoca frei Vasconcelos, orientador espiritual e professor de Língua Portuguesa e Literatura no seminário. E rapidamente o frei encontra a resposta: o autor dos textos é Gregório de Matos!

E agora? Como descobrir quem está mandando os bilhetes se ele se esconde atrás de um poeta morto há séculos? Será Adílson, o tímido jovem de família pobre, apegado aos estudos como única chance de ter uma vida melhor? Ou o comu-

nicativo Alan, que cresceu na boemia e na luxúria? Será o estranho Claudemir, cujo irmão caçula foi comido por um jacaré? Ou Sandro, o adolescente rico convertido na convalescença pela biografia de santo Inácio de Loyola?

Frei Vasconcelos decide então dar uma aula sobre o poeta e vigiar as reações dos seminaristas. Quem souber mais sobre o Boca do Inferno ou ficar constrangido deve ser o culpado.

Só que a investigação não será fácil, e a pressão para expulsar o responsável só aumenta, especialmente quando surgem novos bilhetes. Poderá o seminário, o sonho arduamente realizado de padre Roque, sobreviver a esse escândalo?

Guerra é guerra apresenta uma divertida história, cheia de descobertas e reflexões, em que o pensamento e os versos barrocos ganham destaque numa narrativa contemporânea. Após ler os bilhetes, é impossível não conferir os poemas originais que os inspiraram e não se admirar com a vertente satírica e a religiosa de Gregório de Matos.

Os editores

As epígrafes deste livro são de autoria de Gregório de Matos. Todos os seus poemas transcritos aqui foram cotejados com a edição AMADO, James; ARAÚJO, Emanuel (Orgs.). *Gregório de Matos: Obra poética*. Rio de Janeiro: Record, 1990. 2 v.

SUMÁRIO

1	11
2	19
3	24
4	35
5	44
6	52
7	61
8	68
9	82
10	91
11	102
12	113
13	125
14	137
Relatório Gregório	143
Outros olhares sobre Gregório de Matos	167



Senhor, fazei-me casto; mas não hoje!
Santo Agostinho

*Por falta de algumas ceroulas
deixa uma alma de ser cristã.*
Padre Manuel da Nóbrega



• 1 •

*A terra é um paraíso,
as Moças uns serafins,
nós aliviamos os rins,
porém perdemos o siso.*

Frei Vasconcelos usava três perucas do mesmo estilo, mas de tamanhos diferentes, para parecer que seu cabelo ia crescendo durante o mês.

Habitava um quarto úmido no porão do seminário, na sede de uma fazenda, a oito quilômetros de uma próspera cidade industrial no interior de Minas Gerais. Ele era o orientador espiritual. Vinha de uma paróquia do interior de Mato Grosso. Presbítero formado em Teologia, antes de atender ao chamado vocacional do sacerdócio havia se formado em Letras e também dava aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Era alto, tinha 34 anos, magreza cadavérica, ombros muito estreitos, coluna curvada para a frente, mãos finas como garras, careca precoce, olhos aflitos engastados no fundo de olheiras escuras e um nariz tão grande que parecia um toldo sobre a boca. Sempre de batina preta, fazia jus ao apelido *frei Urubu*.

Um urubu de peruca. Três perucas — pequena, média e grande — que se revezavam a cada dez dias. Ele as guardava embaixo da cama, dentro de uma caixa fechada por uma chave que levava sempre pendurada no pescoço.

No mais, era completamente desprendido dos bens materiais. No seu quarto havia apenas a cama de solteiro, com tábuas no lugar do colchão; a mesa pequena; a cadeira e o armário de uma porta só, onde guardava duas batinas pretas muito surradas, duas camisetas e duas ceroulas brancas. Um Cristo de madeira espetado na parede e um terço pendurado no espaldar da cama completavam a decoração. Até travesseiro frei Vasconcelos achava um luxo.

— O conforto da carne é um perigo para o espírito — pregava.

Comia muito pouco, o suficiente para se manter vivo, e só bebia água.

Padre Roque, o reitor do seminário, defendia a tradição eucarística da transubstanciação com entusiasmo. Às vezes, com excesso de entusiasmo, diziam. Ficava incomodado pelo frei não beber vinho nem ao celebrar missa:

— Mas até Jesus bebia!

— Era sem álcool.

— O sangue de Cristo não é suco de uva!

— O Espírito Santo retirava o álcool antes que Nosso Senhor o bebesse.

Frei Urubu fazia até um santo se sentir pecador.

Naquela tarde, padre Roque teve de chamá-lo no seu escritório, na igreja da cidade, para uma conversa muito séria.

Frei Vasconcelos chegou empestando o ambiente com um cheiro azedo de suor. Sabonetes eram ilusões do mundo material para confundir o espírito. O reitor franziu a

testa. Fedendo daquele jeito, era fácil um homem manter a castidade.

— Veio a pé? Os oito quilômetros, com esse sol? Por que não pegou o ônibus? Temos gratuidade, homem de Deus! E a bicicleta?

— Deus nos deu pés, e não rodas.

O reitor não tinha tempo para convencer frei Vasconcelos de que a roda não tinha sido inventada pelo Diabo. Um problema muito grave estava acontecendo:

— Vanessa está recebendo bilhetes de amor.

Vanessa era uma mulata linda, no apogeu de formas dos seus 19 anos. Era filha adotiva de Vera, esposa do maior dono de terras e criador de gado da região. Ela se candidatará para auxiliar nas tarefas domésticas do seminário, sem receber salário, como trabalho voluntário, e isso enchia de orgulho sua mãe de criação.

Vanessa ajudava Leonor, uma senhora de quase sessenta anos, descendente de escravos, muito gorda, contratada como cozinheira e lavadeira. Vera pedira para Leonor ficar responsável pela garota, tarefa que a boa senhora assumiu com unhas, dentes e vassouradas, protegendo a ajudante como uma loba protegeria a cria.

Quando o reitor viu Vanessa pela primeira vez, sentiu que aquilo não ia dar certo. Ela era de uma beleza e sensualidade atordoantes. Se até ele, aos 65 anos, depois de toda uma vida jogando água fria em seu fogo interior, sentia certa queimação quando via a garota, podia imaginar o que aconteceria com seus seminaristas, rapazes entre 17 e 24 anos, com verdadeiras fornalhas abaixo do umbigo. Não haveria orações, retiros e novenas que esfriassem aquilo depois da visão de Vanessa. Tanto trabalho para manter as brasas sob controle e de repente chegava aquele vento forte. Mas ele

não podia fazer nada. Não podia contrariar o voluntariado da menina nem estragar o orgulho de dona Vera.

Padre Roque era famoso por sua disposição ao trabalho. Sempre atarefado, havia a lenda de que nunca sentava, e ele a fortalecia tomando cuidado para nunca sentar. Frei Vasconcelos o encontrou andando de um lado para o outro no escritório, atrás de sua larga mesa, esfregando as mãos de preocupação.

— Já esperava por isso. — O reitor coçava a cabeça com as duas mãos. — São jovens, cheios de saúde. Uma garota como aquela acaba com qualquer vocação para o celibato. E agora isto. Veja você mesmo. Leia.

E entregou ao frei cinco folhas arrancadas de um caderno espiral, cada uma com um bilhete manuscrito.

Vanessa, te amo sem poder falar. Morro porque te quero bem. Quero-te, mas preciso calar. Por mais que me alvorece, largando as velas à fé, morro, meu amor, porque busco a quem não posso achar. Vanessa, quando vi você, tanto a sua alma me roubou que não sei se você acabou comigo ou se fui eu que me perdi. Agora nada mais me dá gosto quando não posso te ver. Tão perdido estou por você, meu bem, que vivo sem sossego. A luz dos teus olhos me tem cego. Eu te amo com fé.

Padre Roque observou o outro ler e ficou assustado. No final do primeiro bilhete, o frei estava com a coluna ainda mais inclinada para a frente, e os olhos tão abertos que pareciam duas bolas de gude prestes a pular do buraco.

Vanessa formosa e linda, que eu não vi mulata ainda que me abalasse tanto. Estou para me enforcar, Va-

nessa, desesperado, e ainda não me enforquei porque quem te ama tanto não deve morrer no ar; e sim em terra firme, para morrer com firmeza.

Vanessa, meu desejo. Se você me vê, me mata. Se não te vejo, morro. Dê remédio ao meu fogo, nem que seja matando-me. Só a morte cura a quem ama e não possui. Não me contento com a concha. Quero ver a pérola! Ou me corresponde como amante ou me acaba de uma vez. No mar dos teus olhos minha fé está em perigo. Dê velas à minha esperança para que eu possa navegar no teu corpo.

Se o frei se inclinasse mais a peruca média ia cair!

De ti sou tão prisioneiro, Vanessa, que por um pedaço teu daria meu corpo inteiro. Teu rosto me agrada, teu riso me enfeitiça, teus quadris me enlouquecem. Deixe, na malha das tuas redes, minha alma se enredar. Deixa este peixinho fundar um Templo do Amor em tuas paredes. Quando nossas paredes juntarmos, a minha de pedra e cal, e a tua, parede frontal, uma grande obra faremos.

— Fundar um templo em tuas paredes?! — o frei gritou.

O reitor teve medo de que ele rasgasse os bilhetes num acesso de fúria moralista. Precisava deles como provas para encontrar o culpado.

Que são Pedro me leve se eu não morro por você. Sua boca é uma rosa, e eu quero ser um beija-flor. Sua boca é linda, mas dos dentes para dentro nunca meu amor entrou. Minha linda mulatinha, eu já podia ser todo teu, e tu toda minha. Juro que, se quiser ser minha,

eu todo me acenderei. Serei teu amante fino, porque por ti já perco o tino, e ando para morrer.

— É inadmissível! É criminoso! É doentio! É pervertido! É um atentado à moral!

— E ainda botou são Pedro no negócio — padre Roque tentou ser engraçado para aliviar a tensão, sem o menor sucesso.

E o que é o amor, minha mulata linda? Ora, o amor é um embaraço de pernas, uma união de barrigas, um breve tremor das artérias, uma confusão de bocas, uma batalha de veias, um rebuliço de ancas. O amor é isso. Quem diz outra coisa é uma besta!

— O senhor usou um eufemismo, reitor. Não são bilhetes de amor. Isso é indecência! Libidinagem! Luxúria! Temos um demônio libertino entre nós! Deus nos ajude! — E fez o sinal da cruz três vezes.

Tornou a ler, escandalizado, balançando a cabeça. Deteve-se na quarta folha. Passou para a quinta. Pulou para a terceira. Voltou à quinta. Releu a quarta. Olhou para o reitor:

— Já sei quem escreveu isso.

— Sabe?! Já? Quem? Quem?

— Gregório de Matos Guerra.

— Graças a Deus! Não é um dos nossos seminaristas! Não conheço. Quem é, frei?

— Um poeta baiano.

— Um tarado, isso, sim. Vamos denunciá-lo logo à polícia antes que o nome do seminário seja envolvido.

— O problema é que ele morreu há mais de trezentos anos.